

O ASPECTO SOCIAL NO ROMANCE O CRIME DO PADRE AMARO

COSTA, Karina Santos.
kasancosta@bol.com.br
SANTOS, Ubiratânia Souza.
ubbitania@hotmail.com

AMBRASEVICIUS, Margarida M. A (Orientadora)
Graduada em Letras, Mestre em Linguística Aplicada, Prof^ª do curso de Letras-Português da
Universidade Tiradentes – UNIT.

RESUMO

Neste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de mostrar o aspecto social, bem como as influências religiosas da sociedade burguesa na segunda metade do século XIX relacionando a decadência dos valores religiosos x sociedade, como também explorar a corrupção humana e analisar esta mesma sociedade do século XIX, a qual era hipócrita e falsa. O Realismo na Literatura surge em Portugal após 1865, devido à Questão Coimbrã e às Conferências do Casino, como resposta à artificialidade, formalidade e aos exageros do Romantismo de uma sentimentalidade mórbida. Eça de Queirós é apontado como o autor que introduz este movimento no país, sendo o romance social, psicológico e de tese a principal forma de expressão. Deixa de ser apenas distração tornando-se um meio de crítica a instituições, à hipocrisia burguesa (avareza, inveja, usura), à vida urbana (tensões sociais, econômicas, políticas) à religião e à sociedade, pela representação da realidade circundante, do sofrimento, da corrupção e do vício. O Crime do Padre Amaro é mostrado a hipocrisia da sociedade, como também a falta de escrúpulo por parte dos religiosos e que o meio que o indivíduo vive influencia seu modo de agir socialmente.

O ASPECTO SOCIAL NO ROMANCE O CRIME DO PADRE AMARO

Toda sociedade é composta por valores éticos. Mas esta mesma sociedade também esconde sua face, ou melhor, usa sua máscara onde é só é vista o lado saudável e o lado do mal é escondido. Pois numa sociedade nem sempre é mostrado o lado ruim, ao contrário, o bom que sempre aparece, até mesmo porque convém a um relacionamento social não exibir o que há de “podre” na sociedade.

A sociedade, bem como a igreja vem perdendo seus valores desde a época realista, a escolha do tema pretende mostrar como a sociedade era corrupta, como também os religiosos da época, fazendo uma alusão ao que se ver nos dias atuais tanto, na igreja quanto no meio social. Além disso, há uma necessidade na escolha do tema para poder relatar as mazelas dos homens, homens estes que a sociedade portuguesa do séc. XIX via como sendo pessoas de boa índole.

Ainda será mencionado até que ponto pode chegar à mente humana para não prejudicar a si mesmo, nem mesmo fica “mal visto” perante a sociedade a qual está inserido.

A decadência do clero é mais um aspecto relevante a ser tratado, a qual influenciará na formação da sociedade padrão da época.

Alguns comentários ajudarão a mostrar o aspecto social com suas influências religiosas da segunda metade do séc. XIX como, por exemplo, a corrupção social portuguesa no período do realismo, a relação existente entre sociedade x religião.

No romance O Crime do Padre Amaro de Eça de Queiros mostra bem esse lado ruim da sociedade opondo-se totalmente ao pensamento do romantismo, o qual procurava esconder as mazelas do homem.

É de suma importância mostrar de fato como era a sociedade padrão e de que maneira os elementos da mesma se comportavam. O aspecto religioso também é um dos componentes importantes na construção do trabalho. Por este motivo é que se torna essencial envolvê-lo no assunto, porque a sociedade está ligada à religião, bem como aos valores religiosos.

Os religiosos da época do realismo eram hipócritas e os mesmos levavam uma boa vida, enquanto que os mendigos viviam como animais. Assim, eram os religiosos da época, ou seja, sem piedade sem valores morais.

O presente artigo tem como objetivo geral mostrar o aspecto social, bem como as influências religiosas da sociedade burguesa na segunda metade do século XIX no romance “O Crime do Padre Amaro de Eça de Queiros”. Além disso, seus objetivos específicos são: relacionar a decadência dos valores religiosos x sociedade, explorar a corrupção humana dentro da sociedade portuguesa no período realista e revelar a hipocrisia da sociedade da época.

Pode-se dizer que a literatura contemporânea acompanhou o processo de afirmação, explosão e consolidação da burguesia. A afirmação se deu com o Iluminismo e com a Revolução Francesa (séc. XVIII), a explosão com o Romantismo (primeira metade do séc. XIX), e a consolidação se deu com o movimento realista-naturalista.

Na fase de explosão, romântica, portanto, a burguesia fora revolucionária e contestadora. Na fase de consolidação, a burguesia criará novos mitos para afirmar-se no poder. Entre esses mitos contam-se principalmente o **Pessimismo** e o **cientificismo**. O primeiro tinha a função de mostrar um desencanto geral com a humanidade, uma crítica aos utopismos e sonhos românticos. O segundo procuraria mostrar que só a experimentação e a observação e as observações científicas é que poderiam fornecer um espelho em que a literatura se mirasse.

O Realismo-Naturalismo, dando cobertura a estas últimas tendências, vai explorar literariamente a “vida como ela é”. Como decorrência, temos uma imagem quase sempre negativa do mundo.

As personagens de romance tendem a fracassar em seus projetos. O homem é visto como visceralmente mau, e sua maldade muitas vezes é vista como resultado da hereditariedade e das estruturas genéticas. Na poesia chamada realista sobe ao primeiro plano a observação do cotidiano, o cenário urbano moderno, o sentimento de náusea. Também é comum que a poesia enverede pelo filosofismo negativista.

A Literatura é talvez encontrar um caminho para decidir o que torna um texto, em sentido lato, literário. A definição de literatura está comumente associada à idéia de estética, ou melhor, da ocorrência de algum procedimento estético. Um texto será literário, portanto, quando consegue produzir um efeito estético, ou seja, quando proporciona uma sensação de prazer no receptor; a própria natureza do caráter estético, contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário. Para simplificar, pode-se exemplificar através de uma comparação por oposição. Opondo-se o texto científico ao texto artístico: o texto científico emprega as palavras sem preocupação com a beleza, o efeito emocional, mas pelo contrário essa será a preocupação maior do artista. É óbvio que também o escritor busca instruir, procura perpassar ao leitor uma determinada idéia; só que, diferentemente do texto científico, o texto literário une essa necessidade de instruir à necessidade estética que toda obra de arte exige. O texto científico emprega as palavras no seu sentido dicionarizado, denotativamente, enquanto o texto artístico busca empregar as palavras com liberdade, preferindo o seu sentido conotativo, figurado. Então concluindo, o texto literário é aquele que pretende emocionar e que, para isso, emprega a língua com liberdade e beleza, utilizando-se do sentido conotativo ou metafórico das palavras.

Segundo Nicola (1994), literatura é arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou em verso e como toda arte é uma transfiguração do real, é a realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade primitiva e adquiriram

outras, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência pela história ou pelo social.

De acordo com Massaud Moises,(1989) o artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro.

A partir da segunda metade do século XIX, a aristocracia e a igreja perderam o controle político da sociedade e passou às mãos da classe média. Com a solidificação da sociedade burguesa industrial materialista a classe média e o operariado se separaram e as idéias liberais propagavam-se, dando origem a uma série de protestos contra a opressão dos trabalhadores.

Portanto, é neste século que surge o realismo, o qual configura-se como uma reação ao romantismo, como também defendia um programa estético que opunha a razão e a inteligência ao sentimento. O Realismo na Literatura surge em Portugal após 1865, devido à Questão Coimbrã e às Conferências do Casino, como resposta à artificialidade, formalidade e aos exageros do Romantismo de uma sentimentalidade mórbida. Eça de Queirós,(1989) é apontado como o autor que introduz este movimento no país, sendo o romance social, psicológico e de tese a principal forma de expressão. Deixa de ser apenas distração e torna-se meio de crítica a instituições, à hipocrisia burguesa (avareza, inveja, usura), à vida urbana (tensões sociais, econômicas, políticas) à religião e à sociedade, interessando-se pela análise social, pela representação da realidade circundante, do sofrimento, da corrupção e do vício. A escravatura, o racismo e a sexualidade são retratados com uma linguagem clara e direta.

Na arte, o realismo manifestava-se de forma anti-sentimentalista e objetiva dos dados reais e adotava o racionalismo, promovendo uma revisão crítica dos valores religiosos e sociais. Já no romance, o intuito era demonstrar os problemas sociais observáveis na sociedade, ao mesmo tempo em que, atacavam os mecanismos que moviam a estrutura social corrompida.

Além disso, nesse romance, percebe-se, claramente, o combate aos valores éticos e morais vigentes na sociedade Portuguesa da época, que eram considerados como fundamentais, para as pessoas e famílias do bem.

Na Literatura, o realismo manifesta-se na prosa. A poesia da época vive o parnasianismo. O romance – social, psicológico e de tese – é a principal forma de expressão. Na passagem do romantismo para o realismo misturam-se aspectos das duas tendências. Um dos representantes dessa transição é o escritor e dramaturgo francês Honoré de Balzac (1799-1850), autor do conjunto de romances *Comédia Humana*. Outros autores importantes são os franceses Stendhal (1783-1842), que escreve *O Vermelho e o Negro*, e Prosper Merimée (1803-1870), autor de *Carmen*, além do russo Nikolay Gogol (1809-1852), autor de *Almas Mortas*. O marco inicial do realismo na Literatura é o romance *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert (1821-1880). Outros autores importantes são o russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), cuja obra-prima é *Os Irmãos Karamazov*; o português Eça de Queirós (1845-1900), que escreve *Os Maias*; o russo Leon Tolstói (1828-1910), criador de *Anna Karenina* e *Guerra e Paz*; os ingleses Charles Dickens (1812-1870), autor de *Oliver Twist*, e Thomas Hardy (1840-1928), de *Judas*.

No Teatro – Com o realismo, problemas do cotidiano ocupam os palcos. O herói romântico é substituído por personagens do dia-a-dia e a linguagem torna-se coloquial. O primeiro grande dramaturgo realista é o francês Alexandre Dumas Filho (1824-1895), autor da primeira peça realista, *A Dama das Camélias* (1852), que trata da prostituição.

Fora da França, um dos expoentes é o norueguês Henrik Ibsen (1828-1906). Em *Casa de Bonecas*, por exemplo, trata da situação social da mulher. São importantes também o dramaturgo e escritor russo Gorki (1868-1936), autor de *Ralé* e *Os Pequenos Burgueses*, e o alemão Gerhart Hauptmann (1862-1946), autor de *Os Tecelões*.

Esta obra não tem simplesmente a intenção de contar a história amorosa de Amaro e família, mas também de analisar o comportamento dominador e corrupto do clero e do governo sobre a atrasada e hipócrita sociedade portuguesa da época, encontrar os motivos da decadência dessa mesma sociedade e provar que os indivíduos que a compõem são vítimas desse sistema injusto e cruel.

Assim, pode-se dizer, que o meio social no romance *O Crime do Padre Amaro* e o instinto determinam o modo de agir dos indivíduos.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, usando para isso livros didáticos, sites literários da Internet, dicionários de literatura portuguesa, bem como de literatura brasileira.

Após a leitura do romance *O Crime do Padre Amaro* foi analisado o aspecto social bem como suas influências religiosas. Houve também a seleção de textos relacionados ao assunto ajudando a compreensão do mesmo. Depois disso, foram feitos fichamentos com as determinadas referências bibliográficas, finalizando assim todo o corpo do trabalho, ou seja, o tema foi desenvolvido detalhadamente.

Mais tarde a justificativa foi construída, sempre apontando o aspecto social no romance.

Na verdade, o trabalho foi todo bibliográfico, em que os elementos principais foram mesmo os livros de literatura portuguesa, alguns sites da Internet referentes ao tema, bem como o auxílio do filme “*O Crime do Padre Amaro* “para um melhor desenvolvimento do trabalho”.

Segundo Nicola (1994), literatura é a vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas

verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. Entende-se que a literatura está na vida das pessoas, dos literários e é com a literatura que há um encontro com a vida podendo descobrir várias verdades da vida. Dentre os autores do realismo português há uma figura que se destaca, o qual será feita uma breve descrição da sua vida e obra.

José Maria Eça de Queirós nasceu na Póvoa do Varzim (Douro litoral), a 25 novembro de 1845. Filho natural de um magistrado e de uma senhora de boa reputação, que apenas casam quatro anos após o seu nascimento, é educado nos avós paternos. Vai para a vila do Conde e, mais tarde, para um vilarejo de Aveiro. Aos 10 anos de idade, residindo no Porto, matricula-se no colégio da Lapa, onde tem Ramalho Ortigão como professor e grande estimulador na arte de escrever. Completa os estudos secundários, ingressando, em 1861, na faculdade de direito da universidade de Coimbra. Em 1866 está licenciado e inicia uma breve carreira como advogado, em Lisboa. No final desse ano encontram-no em Évora, dirigindo o bi-semanário político “Distrito de Évora”. Em meados de 1867 regressa a Lisboa colabora na fundação do “Cenáculo”, Tertúlia literária, ao lado de, entre outros, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Simião Saragga. Dois anos mais tarde, por altura da inauguração do canal de Suez, viaja pelo Egipto, com o Conde de Resende, que vira a tomar-se seu cunhado. No “Diário de Notícias” publica o relato dessa viagem, como o folhetim “O mistério da estrada de Sintra”. Baseado na sua passagem por Leiria, como administrador do conselho, escreve “O crime do padre Amaro”, em que toma posição contra o celibato dos padres, classificando-o de anti-natural. Eça de Queirós é autor de uma vastíssima colaboração, dividida por jornais, revistas. Os textos que escreveu com Ramalho Ortigão, em “As farpas”, ficaram célebres, tendo reunido a sua parte sob o título “Uma campanha alegre”, (1890-1891).

Na “gazeta de Portugal” (1866), publica os seus primeiros textos de carácter literário, com uma inspiração ainda romântica e em que se vislumbra certa influência de Vitor Hugo. Os seus romances seguem a estética do realismo-naturalismo. Os escritos são o retrato da sociedade portuguesa, em variadas nuances. O tema do adultério surge-no “O Primo Brasília”, (1878); sobre a crença beata na religião, (1887), escreve “A relíquia” os “maias”, (1888), a sua obra-prima, relata um caso de incesto numa família aristocrática de Lisboa. Muitas das suas obras foram editadas depois da sua morte, como: “A ilustre casa de Ramires”, (1900), “A cidade e as serras”, que ele redigiu a partir do magnífico conto “civilização”, (1901), em que a sua visão do mundo se apresenta amena. Ficaram também obras inacabadas, como “A capital”, saídas em 1925. A sua obra inclui ainda, entre outros títulos: “Cartas de Inglaterra”, “Cartas de Paris”, “A correspondência de Fradique Mendes”, “Últimas páginas”, “Notas contemporâneas”, “Contos”, “Lendas de Santos”, “O Mandarim”, “As Minas de Salomão” (tradução), “O Egipto”, “O Conde de Abranhos”, “Alves & companhia”.

Eça de Queirós foi discípulo e secretário do grande romancista gaulês Gustavo Flaubert, um dos pioneiros do realismo, circunstância que muito pesou nos gêneros escolhido pelo exímio observador. Em 1886, casa-se e em 1888, instala-se em Paris, como cônsul de Portugal.

Após uma doença, de origem intestinal, diagnosticada como tuberculose, mas que também poderia ter origem tropical (Amebíase), que o levou a internamentos em Sanatórios. Em Paris, no dia 16 de agosto de 1900, Eça de Queiros, falece.

Segundo Carlos Alberto et al. (1986), no final do século XVII, com a decadência do romantismo e a evolução tecnológica, o realismo se funde dentro de aspectos científicos com a única forma de demarcar o universo e a realidade, evidenciando-se nos escritos de Augusto Comte e Ernest Renan, ambos determinam o positivismo, pois iniciam “O hino ao Cientismo”, única atitude possível para o desenvolvimento da humanidade, a partir daí surgem o

determinismo de Taine, o socialismo Utópico de Proudhon e o evolucionismo de Darwin no campo das ciências e da filosofia. O avanço da medicina e das ciências biológicas refletem nas artes. Opondo-se ao subjetivismo, a idealidade, a imaginação que são características do romantismo, o realismo retrata a vida como ela é, mostrando as causas que determinam os defeitos morais e sociais da humanidade.

Na verdade, o realismo vem mostrar a realidade como ela realmente é tirando a capa que havia no romantismo.

O realismo se implanta em Portugal, através de Antero Quental e Teófilo Braga que propuseram uma concepção poética voltada para o filósofo científico contrária a estética romântica. Ainda cultor desta estética, Antônio Feliciano de Castilho ataca Antero e Teófilo de possuírem pouco talento de arrogantes e presunçosos em resposta, Antero em resposta escreveu um folheto “Bom-senso e bom gosto”, cujo reivindicava a independência de nossa escola. “Mas é que a escola de Coimbra cometeu efetivamente alguma coisa pior do que um crime cometeu uma grande falta: Quis inovar. Ora para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a babados sofismas do que envenenar com o erro as fontes do espírito público, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, pior do que isto é, essa falta de querer caminhar por si, de dizer e não repetir, de inventar e não de copiar”.

A sociedade manipuladora no romance é bem nítida quando usa o inferno como ameaça e o céu como prêmio, mas de cujas chaves são detentores, os padres manipulam as almas simples das pequenas cidades interioranas de Portugal. Mesmo em assuntos políticos são respeitados e jogam o peso de seu prestígio. “... em lugar de lhe erguer diante dos olhos o sinistro cenário das chamas do Inferno, mostrara-lhe um vasto Céu misericordioso com as portas largamente abertas, e os caminhos multiplicados que lá conduzem, tão fáceis e tão doces de trilhar que só a obstinação dos rebeldes se recusa a tentá-los”.

Segundo Braff (1989), um exemplo da sociedade falsa e hipócrita vista no romance é que sondando os homens e a sociedade, desvendou "o sorriso gracioso e o dente cariado". Crítica com graça, com muita ironia a uma sociedade que considera cruel e injusta. A crítica feita pelo literário Braff mostra que nem sempre um belo sorriso é a transparência da verdade ou beleza, mas sim um sorriso falso com hipocrisia mostrando a verdadeira face da sociedade portuguesa do realismo.

Especificamente em "O Crime do Padre Amaro", o sistema social burguês formou uma religiosidade hipócrita, de aparência virtuosa e de realidade viciada. Era sintomático que o Cônego Dias – um homem conscientemente sem escrúpulos para manipular as pessoas – tivesse sido professor de Moral dos futuros padres. As beatas, orientadas pelos próprios sacerdotes a bajulá-los e a respeitá-los como "homens de Deus", tornaram-se vítimas dos detentores do poder através da religião. Amélia foi à sacrificada; as mais velhas, porém, embora não houvessem sido levadas à morte física, tinham suas vidas tolhidas pelos padres egoístas e ilimitados na consecução de seus objetivos interesseiros. Eça de Queirós tinha a intenção, nos romances da sua fase naturalista, de pintar um quadro crítico da vida portuguesa. Assim, Eça aborda, em O Crime do Padre Amaro, o clero devasso e a pequena burguesia da província.

Portanto, o livro expressa a documentação crítica do Realismo e o avanço destrutivo das paixões, característica do Naturalismo. Como é do feitio de Eça de Queirós, a cena final contém a dose definitiva de ironia: o olhar frio de Camões sobre os representantes do clero e da política estabelece o contraste entre o heroísmo ideal (o épico renascentista) e a cega mediocridade real (os três interlocutores), incapazes estes últimos de perceber que seu país estava decadente, pois, a seus olhos, a Europa invejava Portugal por sua paz e prosperidade! Essa "estabilidade" portuguesa era construída pelos hipócritas líderes da monarquia liberal conservadora e assimilada

pelas pessoas simples, absolutamente desprovidas de visão crítica e apesar do aparente ceticismo do autor ao documentar a derrota do bem pelo mal, o livro é moralista, porque dá ao leitor a visão clara de que os vencedores aparentes são os vencidos na realidade, no sentido de se constituírem as pessoas erradas, os imorais dominadores. É uma literatura que visa a contribuir para a transformação da sociedade, ao mostrar suas falhas.

O autor também recebeu várias críticas ao abordar o romance, quando de sua publicação, acusaram Eça de Queirós de ter plagiado o grande mestre da corrente naturalista, o romancista francês Émile Zola. Outro aspecto relevante a respeito das críticas foram as mesmas feitas ao filme *O crime do Padre Amaro*, onde alguns críticos explicitam suas opiniões, algumas ferrenhas afirmando que no filme não foi mostrado de fato como era a sociedade portuguesa.

Diante do exposto conclui-se que, a realização deste artigo foi de suma importância como acadêmicas do curso de letras, pois mostrou a verdadeira face da sociedade portuguesa do século XIX, assim como a hipocrisia do clero nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

MOISES, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 23 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MOISES, Massaud. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

NICOLA, José de. **Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1980.

QUEIROS, Eça de. **O Crime do Padre Amaro**: São Paulo: Ática, 1990.

SARAIVA, Antônio José. **Iniciação a Literatura Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

www.companhiadasletras.com.br/literatura/realismo

www.estudosliterarios.com.br

www.suapesquisa.com/realismo

www.terra.com.br/arte/mundoantigo/realismo